

LER EM VOZ ALTA OU LER EM SIÊNCIO? O TEMA DO ENSINO DA LEITURA NO DISCURSO PEDAGÓGICO PRODUZIDO NA DÉCADA DE 1930

Rejane Rodrigues Almeida de Medeiros¹

Leitura em voz alta e leitura silenciosa em impressos pedagógicos

O objetivo deste artigo é analisar o discurso pedagógico sobre o ensino da leitura em voz alta e silenciosa, contido em impressos destinados à formação de professores primários e secundaristas, publicados na década de 1930. A partir de conceitos, como enunciado, discurso, formação discursiva, saber, arqueologia e arquivo, sistematizados por Michel Foucault (2014), procura-se investigar como o saber sobre o ensino da leitura aparece em duas formações discursivas, e de que modo a leitura em voz alta é associada ao “tradicional”, e a leitura silenciosa, ao “moderno”, no discurso pedagógico da época. Os dados da análise foram extraídos dos livros *Manual de califasia e arte de dizer: para uso das escolas normais e cursos de declamação*, de Silveira Bueno, lançado em 1930, e *O idioma nacional na escola secundária*, de Antenor Nascentes, editado em 1935; e do artigo intitulado “Principais reformas modernas no ensino da leitura”, escrito por William S. Gray, e veiculado, em 1933, pela *Revista de Educação*, órgão da Diretoria Geral do Ensino do Estado de São Paulo.

De um lado, agrupam-se na formação discursiva que defende a leitura em voz alta, os enunciados presentes em *Manual de califasia e arte de dizer: para uso das escolas normais e cursos de declamação*, de Silveira Bueno, e em *O idioma nacional na escola secundária*, de Antenor Nascentes. E, de outro, reúnem-se na formação discursiva que recomenda a leitura silenciosa, os enunciados do artigo “Principais reformas modernas no ensino da leitura”, escrito por William S. Gray.

Leitura em voz alta ou “tradicional”: mecânica e intelectual

Antenor Nascentes, em *O idioma nacional*, e Silveira Bueno, no *Manual de califasia* dividem a leitura em voz alta em três tipos: 1) leitura simples, 2) leitura expressiva e 3) recitação; sendo que, para Silveira Bueno, a leitura expressiva é a verdadeira leitura em voz alta:

A **leitura simples** exige do leitor apenas a voz; a **expressiva** já requer algum jogo fisionômico; a **recitação** é inseparável do gesto (NASCENTES, 1935, p. 54, grifo nosso).

Em outra parte deste compêndio distinguimos três espécies de leituras: 1) a *justa* ou *simples*, à qual o leitor não oferece nenhuma contribuição da sua própria personalidade. Limita-se a pronunciar corretamente as palavras e nada mais.[...]. 2) A *expressiva*, única e verdadeira leitura, na qual a pessoa que lê, não só possui a correção da pronúncia, mas dá ao trabalho oral, uma interpretação toda sua, segundo a maneira própria de compreender as ideias e de expressar os sentimentos. 3) a leitura *rítmica*, isto é, a perfeita recitação. [...] (SILVEIRA BUENO, 1930, p. 171, itálicos do autor).

¹ UFSCar – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, Brasil. Bolsita da Capes. E-mail: rejanealmeidademedeiros@yahoo.com.br.

De acordo com esses autores, para que a leitura expressiva seja realizada com perfeição, exigem-se alguns exercícios: primeiramente, o leitor deve exercitar-se em voz baixa, em seguida, em voz média, para, enfim, ler em voz alta. Durante o exercício de ler em voz baixa, deve-se observar a pronúncia correta das palavras, buscar compreender todos os vocábulos, respeitar a pontuação² e as pausas, conferir ritmo aos períodos, controlando a respiração, e “assenhorear-se dos pensamentos e dos sentimentos de maneira que possam ser bem interpretados” (SILVEIRA BUENO, 1930, p. 93). No exercício de ler em voz média, deve-se apenas “pronunciar bem, articulando corretamente, e respirar”, sem se preocupar “nem com o sentido da leitura, nem com as flexões da voz, nem com a pontuação” (SILVEIRA BUENO, 1930, p. 93-94). Já na leitura em voz alta ou expressiva, que é a “única e verdadeira leitura”, o leitor, tendo se assenhoreado das ideias e dos sentimentos do autor, procura dar-lhes a devida expressão:

Temos agora que penetrar as ideias e assenhorear-nos dos sentimentos do autor para, fazendo-os nossos, dar-lhes a expressão devida e adequada. A inteligência, pois, vai trabalhar e a sensibilidade atuará também. A voz deverá flexionar-se repetida e frequentemente, sendo necessária maior perfeição respiratória [...] (SILVEIRA BUENO, 1930, p. 95).

Os enunciados que definem a leitura expressiva no *Manual de califasia* e em *O idioma nacional* sofreram acúmulos de enunciados antecedentes, que foram produzidos ao longo da História, sobre essa prática de leitura. Antenor Nascentes, retoma Ernest Legouvé, autor da obra francesa *L'art de la lecture* (cf. LEGOUVÉ, 1877, p. 71-72), elaborada em 1877 para uso das escolas normais superiores da França:

Legouvé divide a arte da leitura em duas partes: uma, que é material, o mecanismo, e compreende a emissão da voz, a respiração, a pronúncia, a articulação e a pontuação, e outra, a intelectual (NASCENTES, 1935, p. 52).

Entretanto, enunciados sobre a leitura em voz alta, que muito se assemelham àqueles presentes nas obras de Antenor Nascentes e Silveira Bueno, encontravam-se já na primeira gramática grega, a *Arte da gramática*, de Dionísio Trácio, produzida entre os séculos II e I a. C. A “leitura exata (em voz alta), com a devida atenção à prosódia” perfazia um dos âmbitos dos estudos gramaticais (ROBINS, 1983, p. 25); visto que à época em que o tratado gramatical grego fora elaborado, a gramática fazia parte de um esquema mais amplo de estudos propedêuticos para a leitura e compreensão da literatura grega clássica. Segundo a *Arte da gramática*, a leitura em voz alta, que abrange o gesto, a prosódia e a pronúncia das palavras, deveria ser observada de maneira tal que o sentido do poema ou da prosa se revelasse de acordo com o gênero do texto lido (cf. DIONÍSIO TRÁCIO, 2002, p. 36-37).

Na Antiguidade, a leitura em voz alta predominou sobre a leitura silenciosa, desde a Grécia arcaica. Conforme Svenbro (1998, p. 51-57), nesse tipo de leitura, o ouvinte não poderia se enganar sobre a relação fidedigna existente entre o que estava escrito no texto e o que era oralizado. Para isso, seria necessário o engajamento do leitor, o qual cederia ao texto seu aparelho vocal e seu corpo, unindo-se a ele pelo tempo de uma leitura.

² Silveira Bueno difere pontuação oral de pontual escrita: “Há muita diferença entre a pontuação escrita e a pontuação oral. A primeira obedece às regras da gramática, separando circunstâncias de lugar, de tempo, de modo, orações intercaladas, oposições, etc. A segunda é marcada pelo ouvido, regularizada pelos sentimentos que devemos fazer ressaltar, pelas ideias que temos que colocar em maior relevo. Aquela é para os olhos; esta, para os ouvidos” (SILVEIRA BUENO, 1930, p. 95-96).

Na gramática de Dionísio Trácio, as recomendações quanto aos modos adequados de ler demonstram uma preocupação em garantir que a intenção expressa na obra seja transmitida pelo leitor, de modo a tornar evidentes as qualidades dos poetas. Essa representação da leitura em voz alta se aproxima muito daquela observada em Silveira Bueno, quando este assevera que, durante a leitura expressiva, o leitor deve “assenhorear-[se] dos sentimentos do autor para, fazendo-os [seus], dar-lhes a expressão devida e adequada” (SILVEIRA BUENO, 1930, p. 95).

Desse modo, a formação discursiva na qual se inscrevem o *Manual de califasia e arte de dizer: para uso das escolas normais e cursos de declamação* e *O idioma nacional na escola secundária*, ao se caracterizar pelo acúmulo de enunciados antecedentes no arquivo da História sobre a leitura em voz alta, filia-se a uma longa tradição sobre essa prática de leitura, que remonta à Grécia Antiga. As representações da leitura oralizada expressas nos livros de Antenor Nascentes e de Silveira Bueno ligam-se a uma rede de memória em que o ato de ler em voz alta se divide em duas partes, uma mecânica e outra intelectual.

Leitura silenciosa ou “moderna”: focalização no conteúdo para um fim

Enquanto eram publicados, na década de 1930, os livros *Manual de califasia e arte de dizer* e *O idioma nacional na escola secundária*, cujos enunciados enfatizavam a leitura em voz alta, circulavam no Brasil outros enunciados sobre o ensino da leitura, também dirigidos a professores, que, amparados em estudos sobre fisiologia da leitura, psicologia infantil e sociologia, produzidos na Europa e nos Estados Unidos desde o início do século XX, criticavam o ensino da leitura em voz alta, e sugeriam a introdução do ensino da leitura silenciosa nas práticas escolares (cf. Vidal, 2001, p. 91-92). Assim, William Gray, pedagogo norte americano, escrevia em seu artigo “Principais reformas modernas no ensino da leitura” publicado primeiramente em 1929 e reeditado em 1933, pela *Revista de Educação*:

As modernas reformas na leitura baseiam-se no fato de que a interpretação inteligente constitui um objetivo de maior importância. [...] Investigações recentes fazem ver que as crianças e os adultos leem primordialmente para obtenção de conhecimentos, para conseguir auxílio na solução de problemas, para satisfazer o interesse e a curiosidade e para conseguir prazer durante as horas vagas. Na consecução destes fins e muitos outros o leitor precisa dirigir a sua atenção primordialmente para o conteúdo, precisa pensar claramente à medida que lê, e precisa acomodar a sua velocidade no ler ao fim visado. De maneira muito geral a leitura é um processo de raciocínio correto que é estimulado e orientado pelas impressões recebidas dos símbolos impressos (GRAY, 1933, p. 42-43).

Definida como “um processo de raciocínio correto que é estimulado e orientado pelas impressões recebidas dos símbolos impressos”, a leitura silenciosa passa a ser a mais recomendada, segundo Gray (1933, p. 42-43), pelo fato de atender, de modo mais eficiente do que a leitura em voz alta, às necessidades psicológicas e sociais do indivíduo. Conforme o pedagogo, o ato de ler em silêncio possibilitaria uma focalização maior no conteúdo, pois o leitor poderia “pensar claramente à medida que lê”, acomodando “a sua velocidade no ler ao fim visado”.

Esses enunciados, que recomendam a introdução do ensino da leitura silenciosa, em substituição à leitura em voz alta, nas classes, embasando-se em conhecimentos científicos, representam uma ruptura com a tradição. De acordo com Vidal (2007, p. 340), para Gray, a leitura silenciosa valorizava o conteúdo, em contraponto à leitura em voz alta, que enfatizava a forma.

Leitura silenciosa e leitura em voz alta: relação polêmica

As críticas feitas por Gray ao ensino da leitura em voz alta, assim como outras críticas emitidas por outros educadores e intelectuais comprometidos com ideais da Escola Nova, como Lourenço Filho, por exemplo (cf. VIDAL, 2011, p. 506), não se deram em uma situação livre de polêmicas com a formação discursiva que defendia a leitura em voz alta. No *Manual de caligrafia e arte de dizer*, Silveira Bueno, em uma possível resposta a essas críticas, afirma que, diferentemente do que acreditavam os intelectuais e pedagogos escolanovistas, a leitura em voz alta não se constituía como mera repetição maquinal das palavras de um trecho qualquer:

[...] Até agora ainda não se convenceram os nossos intelectuais e pedagogos da suma importância deste exercício escolar. Julgam todos que leitura é esse fastidioso enche tempo das escolas primárias, nas quais o professor faz que os alunos repitam maquinalmente, sem entendimento algum, sem pronúncia certa, sem prosódia correta, as palavras de um trecho qualquer, não para que os discípulos aprendam, mas para que se passe o tempo. Isto nunca foi leitura (SILVEIRA BUENO, 1930, p. 91).

Por outro lado, a assimilação, ainda que tímida, de enunciados da formação discursiva que preconizava a leitura silenciosa, também ocorria por parte dos defensores da leitura em voz alta. Assim, Antenor Nascentes, apesar de enfatizar a leitura em voz alta na sala de aula, e de relegar a leitura silenciosa a ambientes externos à escola, como a casa ou o bonde, incorporava os estudos de fisiologia da leitura e de sociologia, difundidos pela Escola Nova, ao admitir que a leitura é uma “educação da vista”, e que a leitura silenciosa é importante na aquisição de conhecimento:

[...] a leitura silenciosa, que vai ser o grande instrumento de aquisição de conhecimentos.

[...] Continuou a educação da vista (o aluno leu o texto correto) [...]

[...] Além desta leitura em aula, cumpre sempre recomendar a leitura silenciosa de casa, de bonde (NASCENTES, 1935, p. 66, 73).

As duas formações discursivas, a que defende a leitura em voz alta e a que recomenda a leitura silenciosa, compõem, ao mesmo tempo, o domínio associado, ou campo adjacente, uma da outra; na medida em que, ao tratar do mesmo tema, travam uma batalha na constituição de um saber, o ensino da leitura, dentro do discurso pedagógico, por meio de jogos enunciativos, que questionam afirmações, reafirmam ideias, ou mesmo incorporam noções, sobre a leitura em voz alta e a leitura silenciosa.

Referências

DIONÍSIO TRÁCIO. **Gramática – comentários antigos**. Tradução espanhola, introdução e notas de Vicente Bécares Botas. Madri: Editorial Gredos, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2014.

GRAY, William S. Principais reformas modernas no ensino da leitura. **Revista de Educação**, São Paulo, v. IV, p. 42-44, dez. 1933.

LEGOUVÉ, Ernest. **L'art de la lecture**: à l'usage de l'enseignement secondaire. Paris: Imp. A. Lahure, 1877.

NASCENTES, Antenor. **O idioma nacional na escola secundária**. São Paulo: Melhoramentos, 1935.

ROBINS, R. H. **Pequena história da linguística**. Tradução de Luiz Martins Monteiro. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1983.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. **Manual de caligrafia e arte de dizer**: para uso das escolas normais e cursos de declamação. São Paulo: São Paulo Editora Ltda., 1930.

SVENBRO, Jesper. A Grécia arcaica e clássica: a invenção da leitura silenciosa. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (Org.). **História da leitura no mundo ocidental I**. Tradução de Fulvia M. L. Moretto, Guacira Marcondes Machado e José Antonio de Macedo Soares. São Paulo: Ática, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola Nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive (Org.). **500 anos de Educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

_____. Práticas de leitura na escola brasileira dos anos 1920 e 1930. In: FARIA FILHO, Luciano M. (Org.). **Modos de ler, formas de escrever**: estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

_____. Livros por toda parte: o ensino ativo e a racionalização da leitura nos anos 1920 e 1930 no Brasil. In: ABREU, Márcia (Org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.